

# DIÁRIO PÓSTUMO DE EUGENIO MONTALE

ÉGIDE GUARESCHI\*

**RESUMO:** Este ensaio pretende examinar a abrangência de alguns elementos paratextuais, a partir dos delineamentos teóricos de Gérard Genette, que foram importantes na tradução brasileira de *Diário Póstumo*, obra poética de Eugênio Montale. Esse livro póstumo é dedicado à poeta Annalisa Cima e, além de possuir uma linguagem penetrante e íntima, é entremeado por referências extratextuais e pelas sutilezas do estilo montaliano, as quais desafiam os tradutores de sua obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Montale; tradução; Diário Póstumo.

**ABSTRACT:** *Questo saggio vuole esaminare il significato di alcuni elementi paratestuali, secondo le linee teoriche di Gérard Genette, importanti per la traduzione brasiliana di Diario Postumo, l'opera poetica postuma di Eugenio Montale, dedicata alla poetessa Annalisa Cima. L'opera, caratterizzata da un linguaggio penetrante e intimo, è percorsa da riferimenti extratestuali e dalle finezze dello stile montaliano, grande sfida per i traduttori della sua opera.*

**PAROLE CHIAVE:** *Montale; traduzione; Diario Postumo.*

**ABSTRACT:** *This essay aims at examining the inclusion of some paratextual elements, as well as further theoretical outlining of Gérard Genette, which were important in the Brazilian translation of Posthumous Diary, Eugênio Montale's poetic work. This posthumous book is dedicated to the poet Annalisa Cima and besides having a penetrating and intimate language, it is interspersed by extra textual references and by the montalian style, which challenge the translators of his work.*

**KEYWORDS:** *Montale; translation; Posthumous Diary.*

\* Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco (Brasil) - egideguareschi@gmail.com  
Processo n.2013/20971-0 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i33p104-110>



# N

o ano 2000, a Editora Record lançou no Brasil a tradução do livro de poemas *Diário Póstumo* do autor italiano Eugenio Montale (1896-1981), que foi elaborada por Ivo Barroso e prefaciada por Marco Lucchesi. A ideia de publicação *post mortem* foi um pedido do próprio poeta e uma maneira interessante de promover a imortalidade da sua obra.<sup>1</sup> Nessa perspectiva, este ensaio tem por objetivo analisar alguns recursos paratextuais utilizados nessa tradução, de acordo com as definições de Gérard Genette.

O *Diário Póstumo*, de Eugenio Montale – cujo título lembra o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) de Machado de Assis – é um livro que mostra o lado astuto e descontraído do poeta genovês. Isso porque, pouco antes de sua morte, em 1979, Montale deixou com a poeta Annalisa Cima “um engenhoso cronograma de publicação póstuma de seus poemas mais íntimos, criados entre 1969 a 1979 e até então inéditos. Um jogo que garantiria a ele presença no mercado editorial por muitos anos após a sua morte” (BARROSO, 2000, orelha do livro).

O poeta expressou o desejo de que os seus poemas fossem publicados e estivessem disponíveis ao público, quando da celebração do centenário de seu nascimento, em 1996. Foi tudo planejado prévia e minuciosamente, sendo que a nobre tarefa foi confiada à jovem Annalisa

<sup>1</sup> Vale lembrar que orbitam dúvidas e polêmicas acerca da autoria dessa obra.

Cima,<sup>2</sup> a quem Montale nutria uma profunda amizade e a qual dedica muitos poemas desse livro.

Muito longe de ser um narrador-defunto, como o personagem de Machado, já que seus poemas foram escritos em vida, pode-se considerar ainda que a voz do eu lírico montaliano, poeta vencedor do Nobel em 1975, ainda ressoa nos dias de hoje. De acordo com Patricia Peterle (2015, p. 27):

[...] no pós-Primeira Guerra, Montale já colhe as grandes questões do século que está se abrindo dilacerado e que, no seu desenvolver, se apresentará sempre mais estilhaçado e monstruoso – passando pelo segundo conflito mundial e chegando até os nossos dias.

Eugenio Montale nasceu em Gênova, em 1896, nos anos finais do século XIX, e mesmo tendo falecido em setembro de 1981, teve a pretensão de manter-se ainda inédito até os últimos anos do Século XX e depois deste. Para Ivo Barroso (2000, p. 7), tradutor brasileiro do livro:

Este *Diário Póstumo* é um caso curioso de imortalidade premeditada. Não que Montale necessitasse de um estratagema bem urdido para conservar seu nome em evidência quando não mais pertencesse ao mundo dos vivos. Sua poesia já o consagrara em vida e o eco de sua voz continuaria certamente a ressoar pelos tempos em fora.

Nessa perspectiva, pode-se observar que Montale (2000) foi um poeta, de certa maneira, visionário. Instigado pela sede de projetos futuros e com a ideia premente do novo milênio, que lhe era próximo, em seu *Diário Póstumo*, registra um poema intitulado “No ano dois mil”:

Ficamos indecisos entre  
exaltação e medo  
ante a notícia de que o computador  
irá substituir a pena do poeta.  
De minha parte, não sabendo

2 Nascera em 1941.

usá-lo, me contentei com os arquivos  
que se referiram às recordações  
para depois reuni-los ao acaso.  
E agora que me importa  
se a inspiração definha  
se comigo uma era está findando. (MONTALE, 2000, p. 67).

A temática do poema corrobora com uma afirmação feita por Alfredo Bosi (2000), em *Ser e o tempo da poesia*, no tocante à mecanização *versus* a negatividade. Segundo o autor:

A lucidez nunca matou a arte. Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e dizer, ela dá à palavra um novo, intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos. Valéry, Montale, Drummond e João Cabral de Melo Neto são mestres nesse discurso de recusa e invenção. (BOSI, 2000, p. 173).

No que concerne à tradução brasileira da obra de Montale (2000), destacam-se alguns fatores importantes, como o título, a introdução, o prefácio, os manuscritos *fac-símiles* de alguns poemas e as notas explicativas, que acompanham e “cercam” o livro, conforme observa Genette (2009, p. 7), na introdução de sua obra, *Paratextos editoriais*, para, assim, “garantir sua presença no mundo”. O título, por si só, já prende a atenção de um leitor atento, por lhe incitar a curiosidade de tom paradoxal, entre um “vir a ser” (lançamento de um livro) e algo que “já foi”, ou seja, que está incrustado na ideia de memória (diário) e de póstumo (morte).

Para Genette (2009, p. 73), a responsabilidade do título é sempre partilhada entre o autor e o editor do livro e ele pode operar, também, como elemento de “sedução do público”. No entanto, o autor ainda destaca que a relação temática entre o título e o texto pode ser ambígua e, no caso do *Diário Póstumo* (MONTALE, 2000), como o título faz alusão a uma questão mais temporal do que, necessariamente de conteúdo, são os outros elementos paratextuais que carregam indicações mais completas, sobre o significado do *Diário* montaliano.

Nessa esteira, por exemplo, está também o prefácio da obra, assinado por Marco Lucchesi (2000, p. 13), que belamente o intitula como “Folhas de Outono”. Nesse prefácio, o autor faz confluir, em poucas linhas, carregadas de metáforas, uma intensa gama de informações acerca da

força poética de Eugenio Montale, “poeta formidável, que elaborou, numa perspectiva europeia, um conjunto de obra que parece adquirir fascinante atualidade”, diante do seu tempo, dos grandes poetas italianos que lhe precederam e, ainda, defronte a sua querida Annalisa.

Sobre os prefácios, Genette (2009) pontua que estes conseguem mostrar aos leitores a unidade formal e temática, daquilo que lhes pode parecer um amontoado artificial de enunciados. São instâncias, cujo preâmbulo permite a interpretação antecipada de alguns conceitos, que pautam a leitura posterior e global da obra. Nesse aspecto, contribuem ainda com o aparato tradutório, a introdução, a tradução dos poemas e as notas explicativas ao final do livro.

Para a tradução de *Diário Póstumo* (MONTALE, 2000), Ivo Barroso embasou-se, essencialmente, na edição italiana de Rosanna Bettarini e em livros e informações pessoais fornecidas por Annalisa Cima, a quem faz prestimoso agradecimento, na introdução do livro. Além disso, a edição da obra é bilíngue, o que abre um leque maior de possibilidades de leitura. Segundo Barroso (2000, p. 11), a tradução foi um “ato de reverência àquele que foi um dos mais altos valores poéticos de nosso tempo”, e os poemas que constituem este livro, “poemas íntimos”, estavam fora do alcance dos leitores. Muitas informações e detalhes, que contribuíram para a realização da tradução, foram encontrados nas notas que acompanham a edição original italiana e, apesar de serem aparentemente poemas simples, amorosos, escritos como bilhetes aos amigos, em um guardanapo ou em qualquer suporte que o poeta tivesse à mão, trazem a plenitude de Montale, que exerce “[...] sua aguda percepção da vida e seus valores, num texto entremeado pela fina ironia com que sutilizava seus escritos mais requintados” (BARROSO, 2000, p. 10).

Esse poeta também demonstrou constante desassossego diante da própria existência. Com relação ao tema, o crítico literário Giorgio Cavallini (CAVALLINI, 1996, p. 80) comenta que: “la poesia di Montale si fonda sul perenne turbamento che sgorga dalla continua minaccia in cui versa l’esistenza umana: *il male di vivere* proviene all’uomo dall’angoscia di non riuscire a cogliere il senso della propria vita [...]” (grifo do autor). O que corrobora a colocação de Rina Sara Virgillito (VIRGILLITO, 1990), segundo a qual Montale vive em total desarmonia com a realidade que o envolve; essa desarmonia alimentaria a sua inspiração para a composição poética e, dessa maneira, sua poesia seria a busca de sentido para tal desacordo.

Com relação a isso, na apresentação da edição brasileira, o tradutor aborda ainda outros desafios, que se somam à tarefa de se traduzir os poemas de Eugenio Montale, pois o autor “manipulava um referencial em que havia frequentes citações filosóficas, entremeadas com ‘tiradas’ atuais, menções típicas da Itália e da Ligúria e lembranças pessoais que só lhe diziam

respeito” (BARROSO, 2000, p. 10). Essas questões, de acordo com Angelini, tradutor da obra completa de Montale para o francês, “dificultam a tarefa do tradutor levado às vezes por isso a escolhas explicativas ou racionalistas, ou ao contrário a simplificações capazes de balizar o texto” (BARROSO, 2000, pp. 10-11).

Sobre esse aspecto, Barroso (2000) optou pela posição intermediária, a qual foi também adotada na versão francesa desse livro, ou seja, preferiu manter-se próximo ao texto, buscando a fluência e a beleza do original. Com relação às notas explicativas, que foram importantes para conservar as referências íntimas, o tradutor embasou-se, em grande parte, nos elementos presentes na edição italiana, aos quais se somaram os dados fornecidos por Annalisa.

Nessa ótica, apesar de Genette (2009) pontuar a ideia sobre notas como uma manifestação muito pontual e fragmentada, nesta tradução, em especial, elas foram importantes, uma vez que Montale (2000) faz muitas alusões extratextuais, tanto históricas como temporais e locais. Logo, reitera-se a importância da compreensão dos paratextos, que acompanham edições de livros traduzidos, por exemplo, pois eles permitem uma melhor compreensão das obras e de seus contextos. Ou seja:

[...] paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um *limiar*, ou – expressão de Borges ao falar de um prefácio – de um ‘vestíbulo’, que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder. ‘Zona indecisa’ entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto), orla, ou, como dizia Philippe Lejeune, ‘franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura’. (BARROSO, 2000, pp. 9-10, grifo do autor).

Vale recuperar aqui uma das considerações feitas por Marco Lucchesi (2000, p. 13), no prefácio do *Diário*, em que, ao elogiar as traduções de Ivo Barroso, pontua que não há como negar que “a tradução de poesia é uma das provas cabais da maturidade literária de um país”, e, certamente, as produções acadêmicas acerca desse tema “tendem à claridade as coisas obscuras”, conforme os versos do próprio Montale (2000), em *Ossi di Seppia*.

Montale foi o poeta do Nobel, viu as luzes do seu século, a aurora do seu tempo e ainda pôde professar, de alguma forma, o futuro, a era pós-crepuscular do século XX, como se viu

no poema “No ano dois mil”. Por essas razões, Montale é um poeta que pervive, por meio de sua poesia e desafia tanto leitores como tradutores de suas obras, ainda hoje. Suas provocações são profundas e, em vários dos seus poemas do *Diário Póstumo*, Montale (2000) tende às sensações de desalento e de instabilidade, com relação à era que se finda e de negatividade, ligada às constantes mudanças que, quiçá, poderão substituir o próprio poeta e as palavras, pois se sente que há:

A cada dia, uma revolução  
nas estações, nos povos, nas ideias.  
Todas as decisões são transferidas *sine die*.  
Nada mais é estável, a não ser alguma canção  
repetida sob todas as bandeiras.  
O que se vai salvar, deste aguaceiro,  
não se sabe. Talvez depois de tanto estrago  
até mesmo a palavra acabará no brejo.  
Resta-nos apenas a esperança de que algum  
anacoreta destile resinas douradas  
dos troncos emurchecidos do saber. (MONTALE, 2000, p. 69).

## Referências

- BARROSO, I. *Introdução*. In: MONTALE, E. *Diário Póstumo*. Tradução I. Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAVALLINI, G. *Montale lettore di Dante*. Roma: Bulzoni, 1996.
- GENETTE, G. *Paratextos editorias*. Tradução Á. Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- LUCCHESI, M. *Folhas de Outono*. In: MONTALE, E. *Diário Póstumo*. Tradução I. Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MONTALE, E. *Diário Póstumo*. Tradução I. Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- PETERLE, P. Come un essenziale alfabeto: amargo aroma de Eugenio Montale. In: PETERLE, P. *No limite da palavra: percursos pela poesia italiana*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- VIRGILLITO, R. *La luce di Montale: per una rilettura della poesia montaliana*. Milano: Edizioni Paoline, 1990.

Recebido em 12/12/2016

Aprovado em 30/05/2017